

# VIVER

"Lola", de Fassbinder, hoje na TV Tribuna  
PÁGINA D-5



O Mantra dança a sua magia no Parque  
PÁGINA D-6

**CHEGOU**  
VITAMINA "C" NO PALITO  
PICOLÉ DE ACEROLA

**Kibon**  
Sorvane

## Um anarquista do cotidiano

Roberto Freire propõe, em livro polêmico, uma nova ética de convivência

**A**madado e maldito com tanta intensidade e ao mesmo tempo, o escritor Roberto Freire, 65 anos, lançou recentemente pela Editora Guanabara os seus novos livros: *A Farsa Ecológica e Histórias Curtas e Grossas Vol. II*. O primeiro denuncia a absorção da ecologia pelo sistema capitalista e propõe uma ética de convivência dos homens através de uma nova política do cotidiano, baseada nos ideais anarquistas. O segundo são "histórias de vida explícita". Cinco contos eróticos que atendem à sua vocação de contar histórias. É o segundo volume de uma série que o escritor iniciou.

Criador da Somaterapia, nascida na cela do DOPS durante o regime militar e baseada nas idéias de Wilhelm Reich, Roberto Freire é adepto do que ele mesmo chama de "anarquismo do cotidiano". A Somaterapia, feita com dinâmicas de grupo, visa discutir e demolir os jogos de poder que existem nas relações familiares, sociais e amorosas. O escritor, que é bastante conhecido pelos livros *Coiote* e *Ame e Dê Vexame*, em toda a sua obra discute e questiona métodos autoritários. Com a sua terapia, propõe na prática uma saída para as pessoas que sofrem de problemas neuróticos. Nesta entrevista, Roberto Freire conta a sua trajetória desde que largou a Medicina para se dedicar a outras atividades como o teatro, a TV, o cinema e a literatura, fala da Soma e de novos projetos literários que pretende lançar no mercado em breve.

lista até 62. Voltei por descobrir as idéias de Reich. Como escritor, publiquei em 1966 o romance *Cléo e Daniel*. Comecei então a trabalhar com a Soma e, paralelamente, escrevendo meus livros.

**DP — Como foi a sua experiência com o teatro e a televisão?**

**RF —** Havia conhecido na Europa o diretor da Escola de Arte Dramática de São Paulo. Voltando para o Brasil, ele me convidou para ser o médico dos alunos e mais tarde me tornei professor de Psicologia do Ator. O Zé Renato estava se formando na época, depois com ele fundei o Teatro de Arena. Estavam conosco Gianfrancesco Guarnieri, Oduvaldo Viana Filho, Milton Gonçalves, Flávio Migliaccio, essa turma toda que fundou o Teatro de Arena em São Paulo. A segunda peça que eles montaram foi minha, a primeira havia sido *Eles não Usam Black-tie*, do Guarnieri. Depois foi a minha, *Quarto de Empregada*. Mais tarde fiz outras, todas elas com bons diretores. *Gente como a Gente* foi dirigida pelo Soal e *Sem Entrada e sem mais Nada* pelo Antunes Filho. Eu fazia teatro com uma grande paixão, sempre envolvido pelo problema político da época, mas as minhas peças não faziam sucesso, a única que fez foi *Quarto de Empregada*. Aos poucos eu fui me desiludindo com o teatro. Eu só voltei a fazer mesmo no Tuca, criando o Teatro da Universidade

**Tudo na minha vida foi um grande fracasso. Fracassei em tudo, mas sempre tive público. Nunca quis ser literato**

Católica de São Paulo, montando *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Mello Neto, que lançou um estudante como compositor de

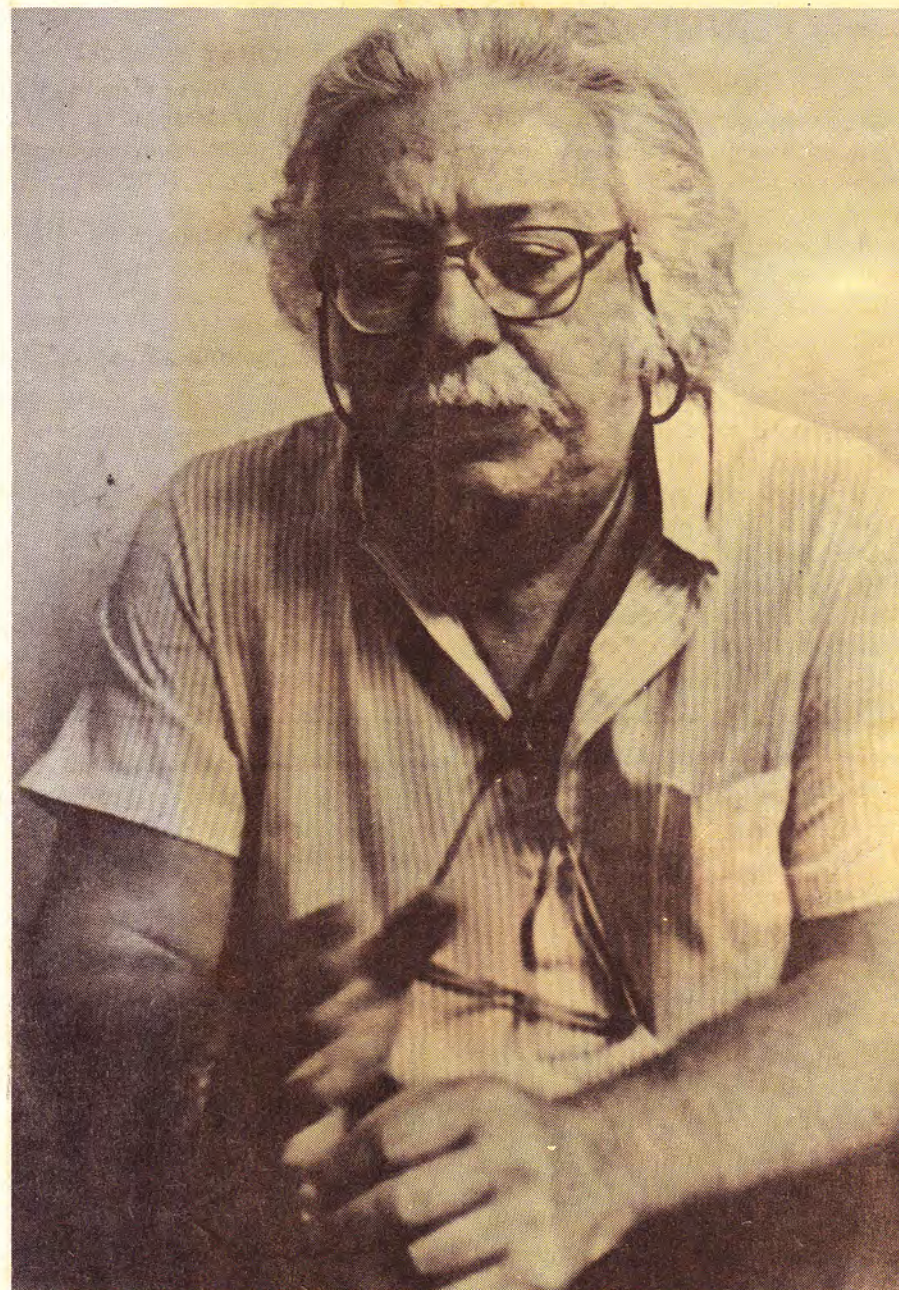
roteiristas. Fiz pelo menos um terço da série. Também fiz cinema, filmei *Cléo e Daniel*. Foi um tremendo fracasso, eu não soube acompanhar a produção.

**DP — Como você encara o sucesso obtido como escritor?**

**RF —** Tudo na minha vida foi um grande fracasso. Eu fracassei em tudo mas sempre tive público. Nunca fui reconhecido pelas instituições, veja o caso dos meus livros, são lidos aos milhares. Têm muitos leitores, mas nunca saiu uma crítica literária sobre um livro meu. Eu sou um escritor reconhecido pelo público. Jamais vou entrar para a Academia, jamais vou fazer ensaios sobre a minha obra. Eu sobrevivo como escritor porque o público gosta do meu trabalho, e eu não faço a menor questão que seja diferente. Eu nunca pretendi ser um literato, apenas tenho vontade de contar histórias que eu vivi, que eu conheci e as pessoas gostam disto.

**DP — Você é muito identificado com o seu romance "Coiote". Como você vê este fato?**

**RF —** Eu conheci o Coiote numa cidadezinha na Itália. Era uma adolescente muito bonito, que uivava. Ele limpava a sede de um grupo anarquista. Eu ia para as reuniões e o via limpando o chão. De repente ele soltava um uivo e o pessoal continuava trabalhando, como se não tivesse acontecido nada. Eu levei um susto tremendo. Achei interessante conhecê-lo pessoalmente, a personalidade dele me fascinou. Ele disse para mim que segurava o dia inteiro uma porção de coisas dentro dele e o acúmulo destas coisas chegava a tanto que ele tinha que gritar. Isto me pareceu muito simbólico no sentido de mostrar como a gente fica se contendo ou como ficam nos contendo sempre e aí



O psicanalista Roberto Freire acaba de lançar dois livros

**A Soma é uma terapia que dá forças e meios para as pessoas sobreviverem no autoritarismo**

para o futuro. Uma juventude liberta para o amor, liberta para uma nova função na sociedade. A importância que o Coiote tem é que todos os bons livros passam por três pessoas. Um compra e dois lêem, estatisticamente falando. Fizemos a pesquisa com o Coiote e vimos que ele era o único caso em que o livro é lido por dez pessoas. Um compra e

familiares ou sociais, elas não tinham bases, nem energias para ir até o fim na sua luta, acabavam abandonando. Éramos vários psiquiatras e terapeutas presos e a gente discutia muito isso. A Soma é uma terapia que dá forças e meios para as pessoas, dentro dos sistemas autoritários, sobreviverem e poderem produzir a sua obra. A primeira coisa foram os encontros quinzenais, que trouxeram toda crítica à Psicologia nascida de Freud, mostrando que não era a cabeça e sim o corpo que interessava. As terapias teriam que ser corporais e que as

nie Laing, David Cooper e Franco Basaglia. O estudo de mecanismos de formação de neuroses foi uma coisa extraordinária. Eles descobriram que, nas sociedades autoritárias, se utiliza o amor como instrumento de dominação. É um aspecto superdelicado. Importante é saber como livrar o amor dessa tarefa terrível de ser instrumento de dominação e sujeição do outro. Por fim, o mais importante de tudo, que é o pensamento anarquista. A Soma tem um conteúdo político explícito. Nós achamos que é a mudança ideológica que cura a neurose. Enquanto você continuar

**Enquanto você não definir a sua ideologia, vai ficar sujeito à ideologia autoritária**

sem definir sua ideologia, você fica sujeito à ideologia autoritária, burguesa e capitalista.

**DP — Você tem projetos literários para o futuro?**

**RF —** Eu estou numa fase em que estou produzindo muito em literatura. Eu fiz recentemente estes dois livros. "As Histórias Curtas e Grossas" é minha incursão na área do erotismo e no "A Farsa Ecológica", eu ligo a Soma com a Ecologia. Eu acho que a Soma é uma terapia ecológica. Estou fazendo agora mais dois livros e um já está pronto. Chama-se "Os Cúmplices". São quatro volumes com a história da minha geração. Eu vou contar a vida de dois irmãos, um jornalista e um ator de teatro. Através deles, eu mostrarei a minha época. O livro não é político nem autobiográfico. É uma ficção onde entra tudo o que vivemos durante a ditadura. O mais importante no livro é a vida humana, a relação entre as pessoas. Se não fosse a nossa cumplicidade, nós